

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1050
 GUIMARÃES, 2 de Março de 1952
 Redacção e Edm., R. da Rainha, 66-A Tel., 4313
 Comp. e Imp., Tip. Ideal, Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Os Paços do Concelho

Não era intenção nossa voltar tão cedo a este assunto. Mas ao rever as provas de uma ligeira nota aqui publicada no dia 10, na qual fazíamos referência às considerações de Anonimus, Joaquim do Vale e Prof. Abel Cardoso sobre a questão da obra, logo nos ocorreu uma omissão grave e muito injusta, impossível de remediar naquele mesmo momento, que carecia, porém, de ser reparada com brevidade. Só hoje podemos cumprir esse dever, aliás, grato e utilíssimo para a nossa causa. Trata-se da opinião sobre o assunto, manifestada por um vimezanense, notável pela sua dedicação por esta terra e pela independência e desassombro com que expõe os seus modos de ver. Queremos aludir ao publicista distinto e colaborador brilhante deste semanário, A. L. de Carvalho. A ninguém é lícito ignorar a sinceridade deste autêntico e valioso baírrista, neste caso, bem flagrante e absoluta, pois foi sempre, e supomos que continua a ser, adversário intransigente da política que dominava em Guimarães, na época em que foi possível projectar e iniciar a construção do edifício para os Paços do Concelho.

Essa opinião, por diversos títulos, especialmente apreciável, foi explanada, em 21 de Março de 1948, numa das suas crónicas aqui publicadas, da qual vamos transcrever, porque pode já estar esquecida e o autor nos perdoará a ousadia pela compreensão do muito que ela nos aproveita, o que para o momento actual nos parece mais incisivo e apropriado.

Dizia o vibrante articulista. «... Foi daqui que nasceu o insólito arrojo de se proclamar como obra necessária e urgente, — deitar abaixo o que está feito! »

«... O que importa, neste momento, é tomar uma resolução sadia, sensata. Corrigir o que pode ser corrigido, já mais demolir o que está feito! »
 «Ouso afirmar que a *Domus Municipalis* de Mestre Marques da Silva é um projecto de inspiração. Pela harmonia do seu arranjo arquitectónico, satisfaz plenamente à nossa tradição municipalista.»

«Guimarães municipal, cujas raízes históricas promanam do século XIII, não pode instalar os seus serviços em qualquer *arranha-céus* do actual movimento de arte arquitectónica. Precisa de ter uma *Casa da Câmara* com expressão histórica, que se integre no Passado.»

«... O projecto aprovado em concurso de architectos em 1914 satisfaz plenamente à condição histórica. Por si mesmo, pela sua arcada acolhedora, pela sua torre alta-neira medieval, pela majestade das suas linhas, os novos Paços do Concelho satisfazem à ideia dos monumentos típicos onde se acolhiam com os procuradores do Povo os *homens bons* para... audiências do seu governo local.»

«... De outro reparo, (o da exiguidade do edifício para todos os serviços que lhe foram destinados), não há vulto que valha a pena pôr em testilha. Dado que, entre dois males, importa optar pelo menor, o menor dos males na conjuntura é — acabar de erguer o edifício para honra da terra!»

«Considerar obra urgente e necessária o deitar abaixo aquilo que está feito, afigura-se-me erro — ia dizer maldade! Quem o tentar pôr por obra, pratica um erro administrativo.»

Era por esta forma que Lopes de Carvalho se expressava, com visível tristeza e revolta, contra a primeira tentativa de demolição que se esboçou, e que, para honra de Guimarães, não partia de um vimezanense, de se demolir a parte já construída do edifício.

Lopes de Carvalho é insuspeito de parcialidade, pelo seu carácter e pela sua posição na política do Estado Novo, em que está integrado, tendo ocupado, logo após o 28 de Maio, cargos de confiança do Governo. E pena é que a sua actividade e o seu demonstrado interesse pelo progresso desta terra não tenham continuado a ser aproveitados. Homem independente, livre de ocupações que o estorvem de dedicar à vida pública uma larga parte do seu tempo, com vontade de prestar serviços e realizar uma obra administrativa, como se desprende da sua constante luta jornalística, amando a sua terra e ansioso por mostrar quanto vale e de quanto é capaz, como se verifica do permanente e absorvente exame de consciência que nos patenteia e vai até aos pormenores mais minuciosos, Guimarães muito teria a lucrar e a progredir com a sua acção. Se temos alguém, como A. L. de Carvalho, já experimentado na vida pública, baírrista entusiasta e integrado no regime governamental, para que ir buscar estranhos, desconhecedores do meio, ou conterrâneos que só com grande sacrifício de interesses e comodidades pessoais se ocupam, contrariados, dos cargos administrativos em que os investem?

Mas releve-se-nos o devaneio e fechemos com uma nota alegre: dizem-nos que se anda pelas freguesias rurais solicitando dos prespentes das Juntas que assinem um papel, dirigido à Câmara, a pedir a demolição dos Paços do Concelho: é de morrer a rir! Então as Juntas não estão representadas no Conselho Municipal? M.

CALENDÁRIO

Da importante firma Mário Costa & C.ª Ld.ª, do Porto, de que é agente em Guimarães o nosso prezado amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira, recebemos e agradeceremos um útil calendário para secretária, para uso no ano corrente.

O Centenário da Cidade

Está em decurso o ano 1952... As horas, os dias e os meses correm céleres, e, quando menos se der por isso, atingiremos o ano de 1953, que, como é do conhecimento de todos, é o ano consagrado às comemorações do I Centenário da Cidade.

Afora a colaboração emprestada pela Sociedade Martins Sarmento e o que se viu anunciado no plano de obras camarárias — *o que nos espera de novidade para a boa consecução dessas comemorações?*

Houve, é certo, uma reunião dos srs. industriais para estudo duma possível exposição e soubemos, particularmente, que o «Museu Alberto Sampaio», por intermédio do seu ilustre Director, se encontra também na disposição de fazer algo de proveitoso em favor dessas comemorações, visto comemorar também as *Bodas de Prata* da sua fundação.

— ¿E o resto?!

O resto, estamos certos, virá a seu tempo, apesar do silêncio que se adensa sobre o espírito da população vimezanense.

DAQUI NÃO SAIO ...

Turismo

Continuemos a nossa conversa.

Procurando obter o resumo daquilo que dissemos, na nossa última correspondência, verificamos que Guimarães tem toda a conveniência em aproveitar ao máximo as belezas naturais e riquezas históricas, que possui, criando a sua indústria de turismo. O facto de termos outras indústrias não obsta a que exploremos mais uma.

O Estado há muito que reconheceu a grande vantagem económica que dela poderia advir, em benefício de todos. A instituição das Comissões de Turismo e as várias pouçadas espalhadas pelo País são disso uma prova evidente.

Restava, pois, que estas Comissões se desempenhassem das funções do seu cargo como era preciso, e nós temos caminhado muito pouco no sentido desse bom desempenho.

Eu sei que este cargo é de responsabilidade e de muito trabalho; mas, para o não exercer convenientemente, mais vale não o aceitar. Uma Comissão de Turismo não pode limitar-se a dar informações de gabinete e a vender postais ilustrados; é preciso ir mais longe.

No que diz respeito à nossa querida Penha, existe um grande problema a resolver que é o dos transportes fáceis e baratos. A Comissão que levar a cabo a resolução deste problema terá conseguido o mais importante, porque o resto será de mais fácil solução.

Nós, os habitantes desta cidade, podemos, em qualquer dia à nossa escolha, dar um passeio até ao Bom Jesus,

S. ROQUE TAMBÉM PEDE...

Alguns Jornais ocuparam-se, nos últimos dias, das aspirações do já importante aglomerado de S. Roque, freguesia da Costa, para onde tem convergido certa atenção da iniciativa particular no que diz respeito à construção de habitações. De facto, trata-se de um local que tem as suas belezas e as suas atracções naturais e que, mirando-se sobre a cidade, apresenta um panorama digno de ser apreciado. Quem for até S. Roque e lá se demorar por algum tempo, não deixará de reconhecer que aquele povoado constitui um conjunto de bom gosto e de boa vontade de aliar o útil ao agradável. Ali, não se encontra o ambiente triste e monótono de uma montanha *seca, escalvada e nua*, mas, pelo contrário, depara-se com um ambiente alegre e expansivo na encosta de uma montanha viçosa, verdejante e vestida com as garbadas cores da Natureza. Não é, portanto, de estranhar que os seus habitantes — em número de algumas centenas — manifestem os seus anseios no sentido de passarem a ter

as comodidades indispensáveis e assim valorizarem os seus esforços em prol da iniciativa que os conduziu a instalarem-se nesse formoso local, prejudicado, apenas, pela falta de luz eléctrica e de acesso em condições, melhoramentos que, de facto, se tornam indispensáveis, não só porque representam um acto de justiça, mas ainda porque estimulam o importante factor da iniciativa particular, elemento de reconhecido valor no progresso de qualquer terra. E uma vez realizados esses dois melhoramentos, seguir-se-iam outros que lhe dariam mais vida e mais alma e que, por outro lado, tornariam mais activo o seu desenvolvimento, pois que se é muito o já existente, muito mais poderá ser ainda desde que *«se dê o seu a seu dono»*, isto é, desde que sejam atendidas as justas aspirações dos seus actuais habitantes. Não nos foi passada Procuração para advogar esta causa nem mesmo nos foi solicitada esta referência acerca de tal assunto, mas entendemos juntar o nosso brado ao daqueles que pregam por tão reconhecido acto de justiça.

E agora, que veio a propósito esta pequena série de considerações, igualmente vem a *talho de foice* chamar a atenção de quem de direito para a forma como se poderá conceber a ideia de, como sucede na referida freguesia da Costa, uma Escola e uma taberna funcionarem de *braço dado*!!! Se a *possível* justificação consistir em se argumentar que esse funcionamento é devido à *força das circunstâncias*, ou melhor, à falta de possibilidade de se conseguir outro edifício escolar, nós responderemos que *«assim como há esmola que mata o pobre»* também há, como no caso presente, quem seja vítima da aparência do *bem*, razão por que numa Escola contígua a uma taberna, aquela representa um *bem* apenas aparente, visto a sua luz radiante e benéfica da instrução e da educação se confundir com a sombra negra e perigosa do vício e degradação moral.

Será uma excepção o caso da Costa? Não somos nós quem o deve averiguar.

V. C. A.

A ÚLTIMA DONA do Jardim Público

Morreu a sr.ª D. Elisa da Costa Peixoto. A notícia da sua morte limita-se a dar-nos a sua idade: 90 anos. E' tudo...

A sr.ª D. Elisa, era filha do «Costa Queijo» — patronímico que lhe vinha de ser merceiro.

Nasceu na Rua da Rainha e ali viveu longos anos a D. Elisa. Quando eu nasci, já ali estava à janela da sua casa. No 3.º andar, a D. Elisa, que era *janeira* a horas certas, olhava a rua. Meãzinha, pouco avultava o seu busto. Mal surgia aos olhos de quem pas-

Bodas de Diamante (1877-1952)

No próximo dia 19 de Março comemora a benemérita «Associação Humanitária dos Bombeiros V. de Guimarães» as suas *Boias de Diamante*.

Dada a larga acção de benemerência e altruísmo desenvolvidos por tão simpática instituição vimezanense, não queremos deixar passar em claro essa Hora-Alta da sua existência, só de recordar que esta data representa para todos os vimezanenses a certeza de que os sacrifícios feitos por aqueles que, abnegadamente, a têm servido, são outros tantos indícios duma nova caminhada em prol do bem estar e sossego dos habitantes da Cidade e Concelho.

Julgamos ser, pois, um dever fundamental da parte da população associar-se a todas as manifestações que possam ser levadas a efeito, naquele dia, prestando assim rendida homenagem aos nossos denodados Bombeiros e bendizendo a memória dos muitos que ofereceram a sua vida em holocausto dos seus semelhantes.

Além da glorificação de tão prestante e útil colectividade, dar-se-ia uma grande lição de testemunhado reconhecimento.

A Rampa da Penha

Vai realizar-se este ano esta importante prova automobilística, promovida pelo Automóvel Clube de Portugal e integrada no programa das Festas ao S. Cristóvão, que este ano devem realizar-se no dia 27 de Julho e prometem revestir o maior brilho.

Sabemos que vão iniciar-se em breve os trabalhos para as Festas, estando a respectiva Comissão promotora animada dos melhores desejos de esforçar-se para que a sua iniciativa seja coroada do melhor êxito.

NOVO AGENTE DA "TAGUS"

Acaba de ser nomeado, para esta cidade, Agente da acreditada Companhia de Seguros «Tagus», o nosso amigo sr. Emílio Carviçais, digno funcionário dos C. T., que no meio vimezanense goza de geral estima.

Felicitando-o desejamos-lhe as maiores prosperidades.

JOAQUIM DO VALE.
 Anúncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

O ar abafado e os ventiladores Uma trindade literária Vimearanenses!

Certa vez tivemos curiosidade de entrar num cinema, onde, além de fitas cinematográficas, eram levados alguns números de atracção. A enchente era «à cunha», como se diz em gira e ultrapassava muito a capacidade do teatro. Apesar das portas laterais, que davam para um corredor estreito, estarem abertas, o calor era sufocante. E' que a temperatura exterior, também elevada, não favorecia a ventilação natural. Tivemos, então, mais uma vez, a comprovação da importância dos ventiladores, que estavam parados, não sabemos porquê, talvez por descuido dos empregados ou economia dos donos da casa.

O ar, superaquecido, tinha todos os odores. Misturados, davam um «bouquet» que o vulgo denomina de «bodum». Nesse ambiente fomos obrigados, muito a contra-gosto, a permanecer uma hora, talvez mais, pois a aglomeração de gente nos corredores e mesmo nas cadeiras impediu-nos a saída.

Perguntaram-nos se era nociva à saúde a permanência nesse local ou em outro semelhante, com o ar superaquecido, húmido, imóvel, impregnado de elementos voláteis e mal odorantes.

Respondemos afirmativamente. Não há dúvida, acrescentámos, que o nosso organismo, quando sadio, se acha aparelhado para defender-se galhardamente da influência do ar, moderadamente confinado; os movimentos respiratórios aceleram-se, conjuando quanto possível os efeitos da má ventilação, continuando o organismo a prover-se do oxigénio indispensável. Demais a mais a alteração química do ar, em ambiente mal ventilado, como o desse cinema, nunca atinge um grau que o torne irrespirável. A quantidade de oxigénio baixa pouco, e a de gás carbónico sobe numa proporção, entretanto, que não dá para provocar fenómenos asfíxicos, com dispnéa, dor de cabeça, náuseas, etc. O que acontece é «a estagnação de calor no corpo», mal estar, vontade de libertar-se do desagradável abafamento.

Quando a umidade, imobilidade e calor, embora moderados, tiverem de ser suportados, em ambiente fechado, por muito tempo e repetidamente, o organismo deprime-se, perde a capacidade de defesa contra os germens; daí defluxos, gripe, pneumonia, tuberculose.

E' justa a exigência dos higienistas quanto à renovação e mobilização do ar dos ambientes fechados, onde se dão aglomerações humanas, como em teatros, cinemas e casas de diversões; a agitação do ar é conseguida por meio de ventiladores; a renovação dá-se pela ventilação natural, combinada à ventilação artificial obtida pelos aparelhos insufladores ou pelos extractores ou, melhor, por ambos.

Se os inconvenientes do ar abafado são importantes para o público, muito mais graves são para os pobres músicos e empregados que os têm de suportar, diariamente, horas seguidas, pelas contingências do ofício e da desídia dos proprietários dessas casas de diversões. Ao fim de semanas ou meses ficam deprimidos, tornando-se fracas presas para toda a sorte de males.

Os frequentadores de teatros e cinemas devem, pois, aceitar com agrado os ventiladores, erradamente considerados prejudiciais à saúde. Agitando o ar, diminuem os efeitos nocivos da sua viciação, calor e umidade. E' es-

sencial, porém, que eles não actuem directamente sobre os indivíduos, sobretudo com grande deslocamento do ar refrigerado. O deslocamento do ar deve ser moderado e este não convém manter-se, constantemente, sobre o indivíduo, principalmente quando se acha suado.

Tomadas essas precauções, o ventilador é um elemento indispensável nos locais de aglomeração, e o vento, leve como o de uma brisa, dele partido, reconforta, faz-nos bem, preeminindo-nos dos resfriados e de outras complicações.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 15 de Fevereiro

Sob a presidência do Provedor, sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão, o sr. Provedor fez a seguinte comunicação:

Oferecido pelo sr. Franklin Cepas, por intermédio do seu amigo sr. João Teixeira de Aguiar, já se encontra no Gabinete de Cardiologia o aparelho denominado «Metabolismo Basal», assunto sobre o qual o sr. Provedor declarou que, em nome da Mesa, comunicou este facto ao ofertante, a quem renovou os seus agradecimentos.

A Mesa, depois de ouvir o parecer do Rev. Capelão do Hospital Geral de Santo António, que muito se vem interessando pelos serviços e atribuições inerentes ao seu cargo, resolveu mandar proceder a melhoramentos na Igreja do referido Hospital, designadamente na Capela Mor, tanto mais que o sr. Capelão e a sr.^a Superiora se encarregam de angariar fundos para os respectivos melhoramentos.

Pela Irmã desta Santa Casa, sr.^a D. Maria da Glória Rocha dos Santos, foi proposto para irmão o seu sobrinho sr. Tomás Pedro Rocha dos Santos.

Pelo sr. Tesoureiro foi apresentado o Balancete do Cofre e verificado o cumprimento de todos os legados.

Foram ainda tratados outros assuntos de interesse para a Misericórdia.

Notícias de Guimarães n.º 1050 - 2-3-1952

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 8 de Março próximo, por 11 horas, no lugar de Covas, freguesia de Polvoreira, desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior preço que for oferecido acima do indicado, dos seguintes móveis:

Uma máquina de serrar, com a competente banca e todos os apetrechos inerentes à mesma, bem como um motor eléctrico, uma bicicleta, diversa madeira e uma secretária em pinho e o direito à loja onde se encontra instalada a fábrica, que vão à praça pelo valor total de, nove mil e novecentos escudos 9.900\$00.

Estes móveis foram penhorados nos autos de acção de processo sumário, em execução de sentença, que a firma comercial, A. Neves e Correia, Limitada, desta cidade, move contra o executado José de Oliveira, industrial

Aposto dobrado contra singelo que muitos não terão na conta de momentoso o caso; mas eu que o classifiquei como tal, tinha e tenho as minhas boas razões.

Ora escutem:

Há coisa de dois anos o correspondente d'«O Comércio do Porto» em Braga, que creio ser o sr. Augusto Martins, emitia a ideia de se fazer uma monografia de Braga. Se ele propunha que se fizesse, é porque ainda não estava feita; e eu creio que realmente nem está feita, mas nem sequer está, como hei-de dizer? nem sequer está em incubação.

Eu tenho uma paixão, uma grande paixão pelas coisas da nossa terra; e não só pelas coisas de arte, mas por tudo, absolutamente por tudo o que bole com a nossa história ou recreia os nossos olhos e satisfaz o nosso senso estético — meu e dos outros, é claro.

A mim escasseavam-me os dotes e saber para me abalar a obra de tanta monta, embora visse e soubesse que não faltavam materiais para levantar o grandioso edifício; bastava juntar esses materiais, coordená-los, passá-los pela craveira de uma aturada análise e fazer o livro.

Há pequenas terras — mesmo cá no norte — que têm a sua monografia: Braga, com uma história formosíssima, com belos templos, com arrabaldes únicos, com um conjunto de circunstâncias de que poucas terras podem ufanar-se, tem a sua monografia por fazer. E' certo que, a fazê-la completa, se requeriam muitas fotografias, muitas canseiras e muitas despesas: mas a compensação era certa, era fatal, em prazo mais ou menos longo.

Quando saiu o artigo d'«O Comércio do Porto», eu estremei de alegria, cuidando que alguém tomaria a si o grato encargo. Embora não fossem contos do meu rosário, escrevi e depois falei ao Dr. Manuel Monteiro, que fazia o favor de ser meu amigo, e era homem para escrever uma coisa com jeito e, como se costuma dizer, com todos os matadores. Escusou-se logo, dizendo da sua justiça; e parece que adivinava, Deus não lhe daria tempo para levar a cabo a monografia, se a principiasse.

Mas note-se outra coisa: poucas terras há entre nós com tantas pessoas competentíssimas para o trabalho a que me refiro, trabalho hercúleo, penoso, agro e cheio de espinhos. Além do Dr. Monteiro, que Deus chamou a si tão depressa, não temos nós em Braga um escol de trabalhadores da pena, capazes de fazer uma monografia que ficasse célebre, que prendesse, que enamoras, que encan-asse? Não posso saber tudo, porque vivo no ermo de uma aldeia, como lobo entre penhascos; mas dêem licença que cite pelo menos alguns nomes.

Temos o sr. Dr. Alberto Feio; pena é que a idade, a saúde, e os deveres do seu cargo, o inibam de outros serviços. Temos o sr. Cônego Barreiros, mestre em assuntos

de construção civil, do referido lugar de Covas, freguesia de Polvoreira. E' depositário destes bens o referido executado.

Guimarães, 19 de Fevereiro de 1952.

O Chefe da 2.ª Secção
Maurício da Ponte Machado.

O Juiz de Direito,
Lobo e Silva.

III

de arte, como tem demonstrado em vários trabalhos de especialidade. Temos sempre activo e incansável Constantino Coelho, alma e inteligência grande em corpo pequeno. Temos o sr. Dr. Sérgio Pinto, um novo cheio de talento e de amor à sua terra. Temos o sr. Dr. Avelino de Jesus Costa, que Coimbra acaba de nos roubar. Temos — e por que não? — o vimaranense P.^o Arlindo Ribeiro da Cunha, que na idade ainda não atingiu, creio eu, o meio século, mas já tem um nome feito.

Ora, com tantos valores dentro dos seus muros, Braga podia e devia ter uma monografia: livro que falasse da sua história, dos azulejos, da talha e dos quadros ou pinturas dos seus templos; que pusesse em foco as suas reduzidas indústrias e o seu anseio de as melhorar e multiplicar...

Vem tudo isto a dizer que Guimarães é mais feliz, porque tem dois filhos seus em constante actividade para desenterrar velharias e pô-las à luz do dia, e levá-las ao conhecimento de todos. Dois, disse eu. Mas não haverá um terceiro? Já o dissemos e ele vai aparecer, de ponto em branco.

Escrevo a 24 de Fevereiro, a poucos dias da festa de S. Torcato. O Padre Arlindo Ribeiro da Cunha honra deveras a terra que o viu nascer e onde verteu as primeiras lágrimas e soltou os primeiros vagidos... Os nossos parabéns a ele, pelo seu aniversário natalício, e à sua terra natal, cujo nome abençoado ele procura levar ao longe e ao largo nas asas da fama...

S. A.

EDITAL

Mário Kol de Alvarenga, Engenheiro-Chefe da Primeira Circunscrição Industrial, com sede na cidade do Porto:

Faz saber que, a firma Ramiro Dias de Freitas Lima requereu licença para instalar uma moagem de milho, trigo e centeio, sem peneiração mecânica, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, no lugar do Alto de Caneiros, freguesia de Moreira de Cônegos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte com caminho público e a Sul, Nascente e Poente com propriedades do requerente. Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede no Porto, à Rua dos Bragas, 61.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 18 de Fevereiro de 1952.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

Mário Kol Alvarenga.

N'«A Imperial», impera sempre o bom gosto nos artigos que apresenta. Um sortido moderno em lenços e echarpes de fantasia. Objectos originais próprios para brinde. Artigos exclusivos para uma boa apresentação. Um sortido completo em meias «Nylon». Preferir esta casa é ter a certeza de ser bem servido e em preços de concorrência. Visite «A Imperial» à Rua de Santo António, 52/54, Tel., 40157 — Guimarães.

Visitai Lisboa por ocasião do encontro BENFICA-VITÓRIA

Combólo Especial Rápido ao preço popular de 120\$00

IDA — Dia 15 de Março — Guimarães, partida às 23 h.; Lisboa, chegada em 16, às 6,15.

REGRESSO — Dia 16 de Março — Lisboa, partida às 23,30; Guimarães, chegada em 17, às 6,45.

Bilhetes à venda na CERVEJARIA BRAGA & CARVALHO. No Pevidém: FARMÁCIA CASTRO, etc.

Paragem em Covas - Vizela - Cuca - Lordelo - Atainde - Negrelos - Caniços e Santo Tirso.

M. TRINDADE

BATATA DE SEMENTE

Representante para o Concelho de Guimarães:

Francisco Pereira da Silva Quintas

OU

CASA CHAFARICA

(Registado)

DEPOSITÁRIA dos

ADUBOS, SULFATOS E ENXOFRE DA CUF

VARIIDADES: Arran-Banner } Irlandesas
Up-To-Date

CLASSE A, calibre 1 1/4 e 2 1/4

58

PHILIPS

Agente no Concelho de Guimarães: A. GOUVEIA

RADIOS - FRIGORIFICOS - LAMPADAS PARA TODOS OS FINS - ACESSÓRIOS INDUSTRIAIS VINHOS DE MESA - ÓLEOS

AV. CONDE MARGARIDE — STAND 3 — GUIMARÃES

84

Inauguram-se HOJE, 2 de Março, as novas e confortáveis instalações do

CAFÉ COVENSE

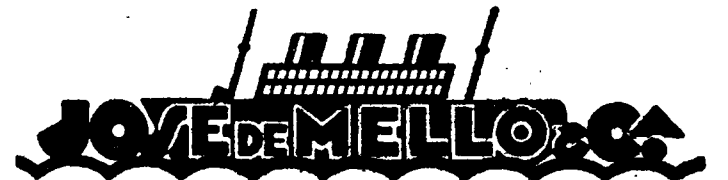
Em COVAS

com amplas salas de estar e para jogos

80

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

ESTE ANO COMEMORA A SAPATARIA LUSO AS SUAS BODAS DE PRATA 1927-1952

As nossas gentis Leitoras

A CASA JAIME vende finíssimos perfumes, brilhantinas, cremes, rouges e batons. Lindíssimos e encantadores objectos para brinde. Modernas luvas e meias. Prefiram V. Ex.^{as} nas suas compas a CASA JAIME, ao Toural.

88